A TRIBUNA ACADEMICA

FOLHA QUINZENA

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

A TRIBUNA ACADEMICA

A nossa appareição

No momento actual, quando a nossa mocidade se manifesta cheia de amofinações e em um estado comatoso bem característico, não é de pouca admiracão o apparecimento de uma folha nascida d'entre esta mesma collectividade.

Por este facto simples na sua natureza, mas grandioso no momento actual de sua manifestacão, nós podemos attestar que nem todo este corpo que soffre se acha entorpecido e atrophiado; ha n'elle uma fracção de moços que sentem e ainda affagam as esperanças que nunca os abandonam.

Isto basta para servir de exemplo e de protesto, cremos nós contra toda esta crise porque indifferente passa a nossa mocidade academica depois de um longo periodo cheio de effervescencia e enthusiasmo.

Não erraremos si dissermos que a mocidade de hoje representa, ou passa em nossa opiniao pela mesma crise porque passam os corpos vivos, depois de uma tensao longa e laboriosa.

A mesma paralisação se nota em seu seio: ha como que uma estenuação de idéas, de sentimentos e inspirações. Ella vive envolta nas tradições passadas, inconsciente de si e de sua missão.

Foi sob esta impressao que nos arrojam a publicar a *Tribuna Academica*. Este arrojão não é simplesmente uma vaidade: é um protesto accumulado de forças e de indignação contra o morbido estado mental da nossa Academia. Foi ainda mais na esperança de acharmos entre estas almas que soffrem alguma capaz de regeneração e encorajamento.

E é esta toda a nossa missão. A *Tribuna Academica* lança no meio d'este cemiterio de vivos um clarão pallido, mais pertinaz, procurando apenas (e será toda sua gloria) uma reacção, um alevantamento que faça sentir que ainda ha sangue n'esta mocidade que dorme indolente e fraca o somno da indifferença.

E' certo que este nosso exemplo não será secundado e que a nossa folha não será acolhida por aquelles para quem trabalhamos.

Terá contra si os odios e as pragas dos que dispertarem aborrecidos pelo effeito da luz que projectar-lhes.

E nós teremos os assaltos das invejas surdas e amarellas dos pretensos vigias.

Embora.

A nossa missão será sempre nobre, quer fugaz, quer duradora, teremos feito a nossa obrigação. Levantamos nos arraiaes escuros do presente o facho da Imprensa, que será sempre o farol imperecivel do futuro.

E temos feito!

A *Tribuna Academica* não será uma barricada d'onde os apaixonados batalhadores politicos procurem atacaillar as theorias e as individualidades. Não.

E' simplesmente uma *Tribuna* de principios e de idéas.

Recife, 15 de Abril de 1886.

● Direito moderno e o seu estudo entre nós.

Poucos, bem poucos, são, dos moços que frequentam a nossa Academia, aquelles que encaram o Direito pelo seu verdadeiro prisma e o estudam sob as luzes da moderna philosophia.

As pesquisas aprofundadas de R. Von Ihering, e os notaveis trabalhos de Pierre Alex não foram ainda bem aproveitados pelos nossos collegas, não tiveram a recompensa devida.

As Academias da Europa, e principalmente as da França e Allemanha, já deram principio a essa renovação tão fecunda, quanto necessaria aos estudos juridicos.

A revolução que no mundo philosophico começou a manifestar-se dos fins do seculo passado para o actual, ateadada por Voltaire, Rousseau e Diderot, continuada por Humbolt, Gæthe, Turgot e Condorcet, e quasi que completa por A. Comte, derramou muita luz sobre todos os problemas scientificos.

A nova orientação philosophica que, há meio seculo, nos deu o fundador da *Philosophie Positive*, abriu novos horisontes ás investigações scientificas, emancipando os espiritos mais fortes dessa servidão mental—a metaphysica.

Na Inglaterra, C. Darwin estudava a natureza, e, procurando a *Origem das Especies*, assentou a sua theoria biologica do *Transformismo*.

E. Hæckel, na Allemanha, afastando-se de todos os mais, solidificou as bases da philosophia monistica.

Essa philosophia, que é a que actualmente tem mais adeptos tanto no velho como no novo mundo, reduzindo todas as causas dos phenomenos a uma unica—a lei da attracção universal, deu uma feição nova a todas as outras sciencias particulares que d'ella dependiam.

As observações e inducções da *theoria darwinica*, as leis da *concorrência vital ou luta pela vida*, a *selecção natural ou artificial* a *adaptacão*, etc., ajustando-se aos phenomenos sociaes e juridicos em uma certa medida, despertaram no espirito cultivado de R. Von Ihering a doutrina naturalistica do Direito.

E' essa doutrina que a nossa mocidade deveria estudar.

São os principios dessa moder-

na escola juridica, expostos e fundamentados no *Combat pour le Droit*, do autor citado, e divulgados em nossa Academia pelo Dr. Tobias Barreto, que não foram ainda bem comprehendidos pela mocidade que estuda.

Em 1883, o Dr. José Hygino encetou uma serie de preleções na 1.ª cadeira do 1.º anno, em que transparecia a clareza das idéas adiantadas a par do methodo scientifico proprio ao estudo das materias d'aquella cadeira.

O trabalho do illustre mestre si não foi improficuo, tambem não servio para todos.

O entusiasmo d'alguns não foi estimulo para outros que diziam:—*não queremos ser positi vistas (?)*.

No anno passado o Dr. Tobias Barreto organisou o programma do ensino da mesma cadeira de accordo com as idéas de Ihering.

Poucos foram os que tiveram a coragem de suas convicções para seguirem a doutrina do programma, contraria á da meza julgadora nos exames.

E assim é tudo.

Subjugados pelos prejuizos metaphysicos, sem actividade psychica e dedicação á sciencia, os nossos collegas vão-se contentando com a *prata velha da caça*.

Esse desanimo que lavra entre os moços tem sua causa bem á vista de todos.

E', com effeito, desolador o estado de inercia a que tem sido arrastada a pleiade dos rapazes da nossa Academia.

Parece que ali se fechou a porta áquella *moça* a quem um dos nossos mestres já disse:—entra. Acostumados a isso, o que é novo os encommoda.

O estudo limita-se ao *quantum satis* para *satisfazer* a um exame.

Sem crenças philosophicas, sem idéas de escola, si alguma vez tem elles necessidade de sustentar principios mais serios e juizos mais claros, isso é somente na occasião para «agradar».

E, a proposito, uma historia.

Eu tenho ouvido contar muitas vezes que os nossos sertanejos usam ordinariamente de seroulas, só enfiando umas calças na noite maior para elles—a do casamento.

No dia seguinte, o noivo já amanhece de seroulas, e tudo volta ao que era.

Não sei si o conto tem alguma cousa de semelhante como que se passa entre nós.

Talvez.

Recife—86.

Henrique Martins.

Coincidencia

Rosita tinha perto da janella,
Um mirrado pesinho de roseira.
Pela manhã, era cuidada d'ella,
Vinha regar a planta. A fatueira,

Anciosa espreitava todo o dia
A progressão miulenta d'um botão.
Que entre a folhagem rubra parecia
Os labios d'ella, feitos d'um clarão.

Uma bella manhã, mui prazenteira
Vinha cantarolando a ver a flor,
Quando se deu com o filho da roseira.

Beijou a flor. E pelos beijos quentes
Escapou-lhe esta phrase d'entre os dentes:
Oh! lindo irmão do meu primeiro amor!

Samuel Martins.

Laboremus

A bella expressão do eminente—Leibnitz, «*benevolentia est habitus amoris*»—inspira-me a confiança em unir-me a tão valentes batalhadores na arena jornalística, o mais vasto campo de todas as sublimes peléjas.

Nos tempos que correm, bem como nas mais remotas epochas d'antiguidade historica, a lucta pelo amor ás lettras e pela causa do desenvolvimento moral e intellectual, simbolisa o grande germen de todas as conquistas humanas, uma vez que as armas destinadas sejam as d'um leal combate entre denodados e generosos guerreiros.

Luctar braço á braço contra a ignorancia e o entorpecimento que, á semelhança de hediondo polvo, paralisa os movimentos d'um organismo para sugar-lhe a vida; derrocar a barreira que se oppõe á explosão das mais nobres aspirações, ás luzes do espirito, é facto que nobilita áquelles que sentem o influxo magestoso d'uma verdadeira causa:—a do trabalho.

Si, para alguns espiritos, o que fica dito, traduzir-se em idéa revolucionaria, tratarei de tranquilisal-os, repelindo as palavras d'um escriptor:—«o medo da pa-

lavra revolução ha de passar, como passou o medo da palavra liberdade.»

Proudhon, n'um dos momentos de alta inspiração e impetuosa logica, diz em sua *Idéa geral da Revolução no século XIX*: «Uma revolução é uma força contra a qual nenhum outro poder divino ou humano pode prevalecer, cuja natureza é fortificar-se e crescer pela propria resistencia que encontra.

Quanto mais a comprimis, mais irresistiveis tornais as molas de sua acção. E' tanto assim, que é de todo indifferente para o triumpho de uma idéa, ser ella perseguida, esmagada em seu principio, ou desenvolver-se ou propagar-se sem obstaculos.... Para conjurar os perigos de uma revolução, só há um meio:—fazer d'ella um direito.

Então ella se realizará sem estrepito, como o desenvolvimento natural e feliz d'antiga ordem de causas.....». Sirvam estas linhas de forte estimulo aos que desejam no mundo das lettras o sublime movimento occasionado pelo concurso d'inteligencias esclarecidas, e aos que tem a consciencia de uma tentativa.

A pécha de revolucionarios aos que incitam o movimento necessario á uma pleiade de moços estudiosos, cabe por terra com as palavras d'um pensador:—o Evangelho foi uma revolução—.

Hildeberto Guimarães.

A propaganda republicana

Dia á dia estalam os falsos e perigosos alicerces sobre que se assenta a causa constitucional em nossa patria.

Desvairada por vis sentimentos, aturdida pela brilhante e jamais prematura evolução que se opéra na consciencia politica dos cidadãos, estatica diante dos farrapos que deixarão as bandeiras de seus partidos, n'um tirocinio de administração enorme, a monarchia tomba allucinada pelos seus crimes, com amargurado pranto de seus ambiciosos mantenedores!

Os monarchistas, lançando mão d'uma politica corrupta, todo o dia cavam a ruina de seu governo.

Um reinado de despotismos e estorsões, outro de mentiras e desilusões, provão exuberantemente que a dynastia bragantina, não pode, sem assentimento da briosidade brasileira, a quem está confiada a restauração dos publicos negocios, lançar nova pedra, para construção d'um monumento de misérias.

A sua decrepitude moral, na sociedade brasileira, está sendo decretada. A sua morte é d'antemão esperada.

O abortamento despota e sanguinario das mais santas revoltas, que sempre se tradusem no mais lovable brado de indignação, necessita d'uma reacção.

O sangue derramado em 41, 47 e 48, precisa ser vingado.

A monarchia soffre aballos terribes na consciencia nacional, mas estes filhos d'uma perversidade que não achou limites nem no coração do primeiro Imperador.

Luiz XVI morreu com certeza pedindo alto perdão pelos nefandos crimes de seus antecessores....

Convenção-se os aulicos que o povo, que viu correr o sangue

de Nunes Machado, Silva Xavier e seus correligionarios, deixou como principal herança a geração hodierna, os vagidos sublimes que soltou quando em altos brados pediu a abolição do abuso, do privilegio execravel!

Essas nuvens que se agglomerão no horisonte da patria, augurando uma tempestade atterradora, correspondem a riantes triumphos que colhe todos os dias a propaganda republicana.

A magna questão de formas de governo, que provocou cruentas guerras civis na velha Europa, durante o seculo XVIII, não ficou liquidada.

O seculo actual, que reclama incessantemente a satisfação dos mais sãos principios da sciencia economica, na vida interna e externa das nações, que se distingue d'entre todos os outros, pelo brilho de suas conquistas na sciencia, pelo lusimento de suas instituições politicas e sociaes, não é, devemos concordar, de usurpações, de privilegios abominaveis.

A monarchia com seu cortejo de honras sem honras, não é consentanea com o caracter e indole do povo americano.

Os vis aduladores dos reis exclamão diariamente: os republicanos são petroleiros, sangui-

narios e demagogos sem amor a patria.

Enganão-se. A republica adora a paz, como o progresso.

Queremos a liberdade, mas com sua necessaria restricção philosophica.

Nós é que somos os verdadeiros patriotas, — não temos a faculdade da ave da noite, como os aulicos, de chupar o sangue das veias do povo, para alimentar uma familia de privilegios.

Anfriso Fialho, um dencado campeão da democracia republicana, d'entre as muitas verdades que tem dito, nas suas obras, affirmou uma de grande alcance: «a monarchia no Brazil é planta esotica.»

Relativamente a orientação que têm tido os brasileiros, sobre a momentosa, necessaria e sublime causa da republica, pode-se affirmar que sua propaganda tem caminhado.

E se mais não temos andado é porque a politica astuciosa e traidora do actual imperante, que corrompe os nossos melhores homens, para apodrecel-os, tem sido uma sombra ás nossas mais felizes e auspiciosas auroras boreacs.

Nilo Peçanha.

8 de Março de —86

FOLHETIM

Um anniversario

Imaginem os leitores que é hoje *nosso fim* convidal-os para conosco lançar um olhar retrospectivo sobre as peripecias de uma reunião familiar dada pelo Sr. F.... em regozijo ao aniversario natalicio de sua filha — moça de 18 annos.

Para isto adorna-se a casa, fazem-se vestidos, alugam-se criados e prepara-se o essencial — a boa mesa, porque ha muita gente que vai a alguns lagares simplesmente para *comer e beber*.

Assim acontece infelizmente aos velhos, que no entanto fazem um *papelão*, visto receberem os comprimentos de toda rapazeada.

O velho dono da casa — o Sr. F., que distribue muitos convites para o jantar e o *arrasta-pés* á noite, não se esquece por certo da estudantada. Quer fazer a festa com brilho, mas, como portuguez de naturalidade, recommenda a sua *chara-metade* toda *economia nos comestiveis* porque, diz elle, o negocio vai mal, o commer-

cio não tem dinheiro, a maldita questão do abolicionismo hade fazer com que os matutos nos passem o *calote* e a final estamos com a bancarrota ás portas.

A mulher, porem, que não pensa tanto no futuro, como seu marido, responde-lhe as observações dizendo em tom carinhoso; — Pois meu amigo quem não pode com o tempo não inventa moda e demais, mais vale um gosto do que quatro vintens.

— Tem razão a senhora de dizer isto, porque em summa não tem de ir todos os dias ao *caes procurar os meus freguezes*.... de Goyanna e deste modo não sabe isto quanto custa.

Assim principião de ordinario as nossas reuniões. Antes, dellas terem começo os pais de familia fazem aos seus parentes observações e recommendações de economia, modo de tratar os convidados, urbanidade, decencia e, *sem malicia*, amorosidade. A ultima recommendação é por certo a mais difficil de observar-se, porque, onde ha dois factores — rapazes e moças, o producto é *brêdo*.

São estes os prodomos das reuniões desta natureza, que entretanto ainda não terminão ali.

Chegado o dia esperado, logo de-

pois do romper da aurora, principia a *labutar-se* com tudo que é necessario ao brillantismo da festa.

A cousa é de tal sorte que a muitas pessoas da familia não resta tempo senão para *lavar o rosto e vestir-se*.

— Ora, não tive tempo, diz uma, para passar agua nos pés; está bem, não faz mal, porque elles não apparecem.

Este esquecimento, muitas vezes *voluntario*, não nos deve surpreender, pois que todos nós sabemos que muita gente do *bom tom* passa a semana inteira com uma camisa, mudando apenas todos os dias os punhos e o colarinho.

Isto é como a moça *espirituesa*, que tem tres namorados e apenas um amante. Exteriormente ella torna-se agradavel a todos, pois que tem sempre riso nos labios, mas interiormente o coração palpita somente por um.

Pois o padre, em pequeno espaço de tempo, não ri-se quando baptisa, e chora, quando canta o *de profundis*?

E' um *modus vivendi* bem regular e seguido.

Agora apreciemos a symphonia e logo depois a execução da peça.

A Evolução

A idade de ouro está diante de nós, não fica atrás.

BACON.

Por muito tempo predominou a crença de que a aurora da humanidade foi a sua idade de ouro, isto é, a idade da paz, da justiça, do bem.

Mesmo hoje, alguns espiritos, ainda affectados de abstracções metaphysicas, não pretendido sustentar essa extravagante theoria, não querendo ver os factos constatados pela paleontologia, pela archeologia, pela ethnographia, pela historia, etc.

Não quero perder o meu tempo occupando-me directamente de um erro tão grosseiro, aliás já condemnado pelo *consensus* hodierno.

Tenho em mira outro fim: dar uma idéa geral da sciencia social, assignalando qual deve ser a sua base, e dando por fim um esboço da evolução da humanidade.

Theophilo Braga nos *Traços Geraes de Philosophia Positiva*, depois de comprovar pela Psychologia e pelo Monismo, as duas descobertas immortaes de A. Comte a lei dos tres estados e a classificação hierarchica dos conhecimentos humanos, aponta o facto biologico da População como a base da Sociologia, separando-se por esta forma do fundador desta

sciencia, isto é, do mesmo A. Comte, para quem a verdadeira base era «o facto historico da autoridade nas suas manifestações de poder temporal e espirital».

Com effeito, não é a historia, mas sim a Biologia que devemos pedir o fundamento para uma sciencia social; isto pelo facto de que os homens, assim como todos os seres que habitam o nosso pequeno planeta, estão sujeitos ás leis geraes da vida.

Destas, nenhuma mais importante do que a lei da concurren-

cia vital, que é mesmo a base da Biologia. Darwin comprehendeu toda a importancia dessa lei biologica, e chegou por meio della a crear a grande theoria da origem das especies e do transformismo, theoria de uma evidencia irresistivel que vai dia á dia penetrando na consciencia do *Eu* colectivo, apesar dos ataques desesperados da metaphysica.

(Continúa).

José I. C. Rabello.

A primeira cartinha

Medrosa, sosinha na mesa da sala
Tremia assustada com a penna na mão,
Dum lado a boneca, do outro a costura,
E a mente tão pura não tinha expressão

Tão jovem creança palavras não tinha,
E nem uma linha podia escrever,
O peito sentia e a mente fallava,
Chorava e sorria de medo e prazer

Depressa agitada com a letra tremida
Cartinha florida por fim escreveo,
Em poucas palavras que a o céo invocara
Linguagem singella que o céo concedeo.

Dobrou-a de leve com todo o cuidado
Qual anjo inspirado colhendo uma flor,
Guardando em seguida no seio a cartinha
Primeira resposta lembrança de amor.

Bianor de Medeiros

Das 4 para 5 horas da tarde têm chegado os convidados que, depois de manhosa proza, sentão-se á meza.

Como sabemos, a primeira é destinada ás senhoras, onde reina ordinariamente muita elegancia e pouca eloquencia.

A segunda, porem, é fertil de extravagancias:

Não espera-se pelos talheres; come-se com as mãos porque, dizem, quem não tem cachorro, caça com gatos.

Ha nestes momentos muita palavra bonita e tambem muita *budionice*.

Seguindo a praxe um Sr. B..., na forma da *chapa*, ergue um brinde, em que descreve as virtudes d'aquella que, na phrase de um amigo, completou os seus 18 annos de *privareras*. Desde que ha bom *figueirôa* (vinho) e agua de Bordeaux, em seguida fallão outros até que afinal chega a vez d'aquelle que *quer fallar de uma ferida que já tem cascão*. Em um jantar?

Este, porem, é incontinenti admoestado por um amigo, visto não sentir que elle se tornasse inconveni-

ente aos presentes, como Nero tornou-se cruelissimo á humanidade, *por ter aberto o cadaver de sua mãe para nelle estudar botanica*.

Peior foi a emenda do que o soneto. Cerca de 7 ou 8 horas da noite termina-se o jantar

Principia pouco depois a anciedade pela dança, pois que a entusiasta mocidade de ambos os sexos está douda para, nas azas do cochicho, *voár aos parapeitos do infinito*.

Afinal chega o pianista, põe na estante a muzica de uma valsa — *au clair de lune* — e principia a execução.

Rompe então a *soirée* dançante.

Um calouro que havia ido procurar sciencia na *terra da promissão* — o Rio Grande do Norte, depois de valsar um pouco passeia pelo salão conversando com o *seu par*; diante do piano estaciona e nesta occasião a moça-*seu par* -pede-lhe a traducção do titulo da valsa.

— Minha Senhora, *ao clair de lune* não é francez com certeza. Pela ultima palavra que, parece-me, estar em *ablativo absoluto* é certamente Latim, todavia não posso traduzir por-

quanto não tenho o grande dictionario de *Magnum Lexicon*.

Por sua vez um outro moço, que havia pedido a uma linda morena a *honra de dançar consigo a 1.ª quadrilha*, entretem conversação animada. A moça manifesta-se encommoada; elle para agradal-a offerece-lhe um copo com cerveja por ser bastante *diuretico*. O offerecimento é recusado. Elle de novo procura offertar-lhe bolinhos. Ella nega-se á offerta por estar de *resguardo*. Elle então de modo commovido diz-lhe ternamente: Minha Sra. a *gravidez* de....

— Perdão, Sr, eu sou solteira.

— Mas eu, Minha Sra. preferia fallar da *gravidez artificial*. Eis mais ou menos tudo.

Além dessas inconveniencias, as cortezias, os flauteios e as paixões amanteticas imperão no baile.

Para terminar ha o costumeiro chá, que é dado ordinariamente ás 2 horas da madrugada.

Depois das panças cheias vem a indisposição e o somno e logo em seguida toca a retirada.

Euclides Quinteiro.